



Centro Universitário de Brasília – CEUB  
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES  
Curso de Psicologia

**Dalton Fortes Amurim**

**O sofrimento psíquico em policiais militares do DF sob o olhar psicanalítico**

**Brasília - DF**

**Dezembro 2021**



Centro Universitário de Brasília – CEUB

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

Curso de Psicologia

**Dalton Fortes Amurim**

**O sofrimento psíquico em policiais militares do DF sob o olhar psicanalítico**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, do Centro Universitário de Brasília – CEUB como requisito parcial à conclusão do curso de Psicologia.

Professora-orientadora: Me. Aurea Chagas Cerqueira

**Brasília - DF**

**Dezembro 2021**



Centro Universitário de Brasília – CEUB

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

Curso de Psicologia

### **Folha de avaliação**

**Autor:** Dalton Fortes Amurim

**Título:** O sofrimento psíquico em policiais militares do DF sob o olhar psicanalítico

### **Banca examinadora**

---

Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira

Orientadora

---

Profa. Me. Morgana de Almeida e Queiroz

Examinadora

---

Profa. Me. Maria Leonor Sampaio Bicalho

Examinadora

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho a todos os homens e mulheres das forças policiais, que tombaram em inúmeros combates, sacrificando-se em sua tarefa de servir e proteger. Como guardiões da liberdade, contra as forças do terror e da tirania.

*“Todos nós enfrentamos batalhas – no trabalho, na família e além, no vasto mundo. Cada um de nós luta diariamente para definir e defender objetivos e a integridade, justificar nossa existência no planeta e entender, ainda que só no coração, quem somos e em que acreditamos. Somos todos guerreiros. Lutamos sob um código? Se sim, que código é esse? Qual é o espírito do guerreiro? Como usamos e como podemos usar esse código e ser fiéis a ele na vida interior e no mundo?”*

***Steven Pressfield***

## Sumário

Resumo.....	VI
Introdução.....	01
Fundamentação teórica.....	04
Objetivos.....	09
Objetivo geral.....	09
Objetivo específico.....	09
Metodologia.....	10
Resultados e discussão.....	13
Conclusão.....	34
Referências.....	37
Anexos.....	39
Anexo 1: termo de consentimento livre e esclarecido.....	40
Anexo 2: termo de aceite institucional.....	44
Anexo 3: roteiro de entrevista semiestruturada.....	46
Anexo 4: parecer substanciado CEP.....	49
Anexo 5: termo de aceite institucional assinado.....	56

## Resumo

Neste trabalho, mergulharemos no universo policial, a fim de compreendermos se as dificuldades da profissão, com suas nuances e características, produzem sofrimento psíquico em seus agentes. É de conhecimento geral que a atividade está entre as profissões mais perigosas, que pode causar sequelas, tanto físicas, como mentais. Com um olhar teórico psicanalítico, tentaremos compreender melhor esse universo complexo que envolve a vida militar. Com o intuito de adentrar o mundo subjetivo do universo policial, entrevistamos dois participantes, ambos policiais militares do Distrito Federal, e, de suas falas, surgiram quatro categorias importantes para análise, quais foram: riscos; vida profissional; reconhecimento e valorização; e falta de reconhecimento e desvalorização. Tais categorias nos nortearam ao longo de uma discussão com vistas aos nossos objetivos de apreender, com mais detalhes e precisão, o sofrimento psíquico que acomete os policiais militares do DF. Concluindo com o novo mito do “nome ao mito”, que se inscreve na jornada heroica da singularidade da existência, optando por saídas criativas a velhas fórmulas, que já estão em vias de esgotarem e sucumbirem frente ao Real da vida.

*Palavras-chave:* polícia militar, sofrimento psíquico, psicanálise, Real e olhar psicanalítico.

## Introdução

A vida da caserna militar é um tema importante e pouco explorado, principalmente quando entramos no âmbito da segurança pública, em se tratando de polícias militares. Estes homens e mulheres estão em contato direto com uma realidade desconhecida por muitos brasileiros. Sendo muitas vezes a única presença do Estado em algumas regiões do país, atuando de um modo solitário, silencioso e por vezes precário.

No livro *Mamba Negra combate ao novo cangaço*, logo no primeiro capítulo, o policial federal Eduardo Maia Bettini, faz uma pergunta muito intrigante e provocativa, “se não nós, quem?” (Bettini, 2020, p.42). Este é um questionamento importante, no que se refere à realidade policial, pois o agente público, ao contrário do que é muitas vezes romanceado em filmes, tem que se deparar com situações difíceis, complexas e com risco da própria vida e, no entanto, não pode recuar.

É de conhecimento que o Brasil é um país com inúmeros problemas, e um deles está relacionado com as políticas de segurança pública. Em 2010 o estado do Rio de Janeiro se tornou notícia em todo o mundo com a retomada do Complexo do Alemão, expondo falhas importantes por parte do próprio Estado com relação ao que ocorria na cidade do Rio, principalmente nas comunidades. Para exemplificar, no livro *A Retomada do Complexo do Alemão*, escrito pelo jurista Rogério Greco, o policial militar do BOPE (*Batalhão de operações policiais especiais*), André Monteiro, e também pelo policial federal, Eduardo Maia Bettini, uma passagem ilustra bem o cenário de guerra vivido:

Por alguns instantes, fiquei olhando aqueles criminosos e devo dizer que não conseguia pensar neles como seres humanos normais. Um deles havia sido entregue pelo próprio



pai, que preferia ver o filho preso a ser morto pela polícia. Pensei na roda viva da vida. Como as coisas mudam e como devemos procurar fazer sempre o bem. Há algumas horas, aqueles criminosos eram os senhores a decidir sobre a vida e a morte das pessoas daquelas comunidades; agora, eram um bando de esfarrapados, com olhos esbugalhados de medo, a resmungar sua desgraça. (Greco, Monteiro & Bettini 2018, p. 246).

Diante desse cenário caótico, diga-se de passagem, apresentado, muitas perguntas surgem e ficam no ar sem respostas fáceis. Como esses homens e mulheres são afetados pelo exercício da profissão de um ponto de vista psicológico? Como lidam com perdas de companheiros? Como lidam com a abnegação da vida em família em decorrência do trabalho? Como lidam com a comunidade? São questionamentos que nós, que trabalhamos com saúde mental, temos que fazer e para os quais devemos buscar resposta, no sentido de melhorar de algum modo a qualidade de vida desses servidores e, por reflexo, da sociedade.

Em comparação com o restante do globo, as instituições policiais brasileiras, bem como, a segurança pública em nosso país, ainda carecem de um olhar mais atencioso e cuidadoso, no sentido de entender que as polícias, sobre tudo, são formadas por pessoas, que estão para além das regras institucionais, fardamento ou mesmo distintivo.

Para citar um exemplo, extraído de uma reportagem do jornal diáriorio.com, de 13 de dezembro de 2020, entre os anos de 1994 e 2017, a polícia militar do Estado do Rio de Janeiro, somando mortos por causas não naturais, bem como, feridos e afastados por problemas psiquiátricos e de confronto com criminosos, teve um quantitativo de mais de 20.000 baixas. Tal somatório não tem precedentes em nenhuma outra força policial ao redor do mundo.

Este ponto tratado acima merece atenção importante, devido ao fato de, em algumas circunstâncias, o policial militar ser vinculado e rotulado de uma maneira um tanto quanto

errônea, por parte de setores da sociedade, em que, muitas vezes são encarados como vilões de um jogo muito mais complexo de um ponto de vista político e cultural. Acerca desse assunto, o Coronel da PM do Rio, André Luiz, faz um desabafo no prefácio do livro, *Relatos de mais um combatente - uma guerra sem vitória*, de autoria do Major também da PM do Rio, Leonardo

Novo:

Uma ilusão fraticida, num país absolutamente violento, diga-se violento, por natureza, onde a violência não é, nem se naturaliza contra pobres, negros e favelados nas mãos das forças policiais, pois quem precariamente detém o uso diferenciado da força legal, não elege quem está na fila do auxílio emergencial durante a pandemia, não é a polícia que promove a segregação dessas pessoas nos lixões das cidades! Quem fez, continua fazendo, e sempre o fará: o sistema. (Batista, 2020).

Percebendo tais fatos, e sendo sensíveis aos mesmos, temos como a questão central deste trabalho, a importância de aprofundarmos sobre a vida psíquica desses indivíduos, observando causas e consequências do sofrimento psicológico envolvido em seu contexto de trabalho. Neste sentido, utilizaremos o enfoque psicanalítico, como base para nossa investigação e compreensão acerca dos conteúdos obtidos.

## Fundamentação teórica

Ao contrário de outras profissões, ser policial, ou escolher tornar-se um representante da lei, é uma espécie de sacerdócio, baseado em um forte sentimento para fazer frente às dificuldades enfrentadas no cargo, tendo o sujeito que apresentar um alto nível vocacional para o serviço. Como mencionado por Freud (1930/2010), “um sentimento pode ser uma fonte de energia apenas quando é ele mesmo expressão de uma forte necessidade” (p. 25).

De modo geral, o policial e, em nosso caso mais específico, o militar, deve se submeter a riscos e perigos que vão além do razoável, tendo muitas vezes que colocar a própria vida em risco para exercer o seu trabalho, o que torna o indivíduo, no exercício de sua função, ainda mais propenso a algum tipo de acometimento, seja de ordem física ou psicológica.

Outro ponto importante é a imagem da instituição e de seus servidores perante a sociedade, sendo geralmente essa imagem construída por veículos midiáticos, bem como pela impressão que os próprios militares têm sobre si mesmos e sobre o seu local de trabalho. Além de como tais fatores influenciam em sua saúde.

Verificou-se que, dentro e fora da instituição policial, a especulação imediata sempre se volta para a condição psíquica do policial e para o descontrole emocional dos representantes da lei, quando se veiculam notícias através da tv, rádio, jornal, internet, sobre denúncias de subornos, extorsões, ameaças, agressões físicas e psicológicas, abusos de poder e outros delitos perpetrados ou atribuídos ao policial (Queiroz, 2008, p. 14).

Neste trabalho, mergulharemos no universo policial, a fim de compreendermos se as dificuldades da profissão, com suas nuances e características, produzem sofrimento psíquico em

seus agentes. É de conhecimento geral que a atividade está entre as profissões mais perigosas, que pode causar sequelas, tanto físicas, como mentais.

É possível que o trabalho policial, em uma sociedade complexa como a nossa, que exige do agente público uma forma de abnegação, resulte, em alguma medida, em mal-estar nesses indivíduos, pois é inerente ao exercício da profissão estar exposto ao estresse cotidiano, seja ele efeito da convivência entre o grupo, na lida com a sociedade, ou mesmo com a instituição.

Isso porque vivemos em um mundo perturbado e conturbado, diante do qual nossos instrumentos interpretativos ficam bem aquém da agudeza e rapidez dos acontecimentos. Frequentemente tenho a sensação de que chegamos atrasados no lance, para me valer de uma metáfora futebolística, já que não conseguimos alcançar os acontecimentos no seu impacto e na sua estridência (Birman, 2019, p. 15).

Outro ponto relevante que não podemos deixar de fora, é o papel da instituição na vida desses indivíduos, pensando nela como um espaço de convivência, no sentido de que, no ambiente institucional, o sujeito encontre alguma forma de amparo e reconhecimento por seus serviços. Acreditamos que seja importante para a saúde, de um modo geral, da tropa, como bem demonstra Mesquita (2008) “ou seja, se o policial sentir que apesar de todos os fatores estressantes do trabalho por que passa, ele é reconhecido, ele é visto, ele é valorizado, este desgaste físico e emocional poderá ser recompensado e todo este sofrimento poderá ser sublimado” (p. 12).

Ao refletirmos sobre o nosso tema, bem como o contexto que o envolve, podemos perceber a relevância deste trabalho, por estarmos em contato com os agentes públicos que são a *ponta de lança* da segurança pública. São esses policiais militares que patrulham as ruas diuturnamente e que são os primeiros atores que atuam no teatro de operações das ocorrências.

No que se refere ao tema, é condição *sine qua non*, o cuidado e o estudo sobre esses policiais militares e suas organizações, no que tange à saúde física, psíquica e à qualidade de vida dentro e fora das instituições, para o bom funcionamento do contrato social e a manutenção da lei e da ordem, o que reflete na segurança pública como um todo, sendo que o policial se sente mais valorizado e motivado.

Cuidar da saúde física e mental do policial militar também é cuidar da Segurança Pública e isto é algo que deve estar claro para todos na Corporação, pois à medida que os policiais se sentem bem e motivados no exercício de sua profissão, seu trabalho terá mais qualidade e, conseqüentemente, a população estará mais segura. Ou seja, investir mais na qualidade de vida dos policiais, repensar a organização do trabalho é um benefício para todos (Mesquita, 2008, p. 16).

É preciso entender qual o nosso papel, enquanto profissionais de saúde, e como estamos atuando, para uma melhor compreensão dos múltiplos estados e formas que o sofrer e a angústia se fazem presentes na vida das pessoas e das organizações. Não somente como alguém que faz um curativo ou estanca um vazamento, mas como profissionais que buscam ir além do superficial ou consciente, lidando com o inconsciente em sua profundidade.

Muitas instituições entendem que o papel da psicologia deve ser algo comparável ao conserto de uma coisa ou objeto, mas como deixa claro Mesquita (2008) “os profissionais de saúde mental são chamados a dar respostas rápidas a problemas que na verdade são altamente complexos e cuja resolução imediata é completamente impossível” (p. 12).

De um modo geral, o policial militar vive uma situação laboral, propícia para a emergência de sintomas, que por sua vez podem vir ou não a produzir um problema psicológico. Seja pelas condições de trabalho, vida pessoal ou mesmo pela ausência de reconhecimento. Ao

tratar de indivíduos neuróticos e sobre suas frustrações, Freud (1930/2010) destaca que, “eles criam, com seus sintomas, gratificações substitutivas que, no entanto, causam sofrimento ou tornam-se fonte de sofrimento, ao lhes criar dificuldade com o ambiente e a sociedade” (p.70).

Ou seja, ao não dar conta, de forma saudável, de lidar com a circunstância, o psiquismo produzirá sintomas importantes, que por sua vez, afetarão a atuação desse agente e refletirão tanto na instituição, na família e, por último, na sociedade, como produto final da sua atuação. Pois o policial, ao contrário de outras profissões, exerce sua função 24 horas por dia, inclusive em sua folga.

Os policiais sofrem influências de vários fatores negativos que geram estresse extremo. O cansaço físico e a falta de equilíbrio emocional podem levar esses profissionais a assumirem atitudes irracionais durante crises e situações caóticas. Assim, tais atitudes podem levar à falta de eficácia no desempenho do exercício profissional, expondo os policiais e a população em geral a perigos em potencial (Oliveira e Santos, 2010, p. 227).

Outro fenômeno psíquico que pode ocorrer, no sentido de dar conta das situações vividas, é a negação dos conteúdos desagradáveis, experimentados pelos policiais, vindos inicialmente como negativa de algo ou de alguma coisa experimentada. Dessa maneira, o desprazer será represado com a barreira do recalque, sendo possível portanto somente a condensação da negativa para aliviar o psiquismo. “Assim, o conteúdo de uma imagem ou idéia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja *negado*.” (Freud, 1925, 268-269).

Torna-se fundamental refletirmos sobre a saúde mental desses profissionais e de mecanismos que os ajudem a minimizar tais riscos a sua integridade, como por exemplo a sublimação desses conteúdos, como explica Nasio (1995), seria o desvio na trajetória dessas pulsões, com a mudança de alvo. Ou seja, é possível cambiar os destinos das ações como

demonstra Birman (2019), “Pelos vias da *ação sublime* e da *sublime ação*, poder-se-ia conceber o conceito de sublimação não apenas ligados aos destinos da ação, mas também articulado intimamente aos destinos do desejo” (p.23).

Neste sentido, Oliveira e Santos (2010) comentam que, “na atividade policial, por se tratar de uma atuação profissional tão perigosa, há que se considerar que um ambiente familiar saudável e horas de repouso e lazer poderiam contribuir para um melhor equilíbrio mental na realização das muitas tarefas profissionais” (p. 227).

Não podemos deixar de refletir também que, para além do sujeito que sofre, existe um inconsciente que deseja e que precisa ser ouvido; ou seja, necessita de atenção ou melhor “deitar-se no divã”. É necessário um olhar humano e atento num sentido amplo, com o intuito de pensar melhorias que seriam úteis, não somente para as organizações policiais, mas para a sociedade como um todo. Pois, de acordo com Birman (2019), “enquanto contraponto de um suposto bem-estar, o mal-estar é matéria-prima sempre recorrente e recomeçada para a produção de sofrimento nas individualidades” (p. 15).

## **Objetivos**

### **Objetivo Geral.**

Analisar, a partir do enfoque psicanalítico, como o trabalho em uma instituição policial pode produzir sofrimento psíquico em seus policiais.

### **Objetivo Específicos.**

a) analisar os aspectos envolvidos na atuação dos policiais militares, dentro e fora das instituições.

b) analisar as formas de compreensão dos policiais militares sobre a realidade que os cerca, bem como o possível sofrimento envolvido na atividade policial.



## **Metodologia**

Trata-se de estudo de caso com enfoque metodológico qualitativo, realizado com emprego de entrevista semiestruturada, considerando o referencial teórico da Psicanálise.

### **1. Participantes**

A escolha dos participantes se deu em uma instituição de polícia militar do Distrito Federal, localizada na Região Administrativa do Paranoá. Foram escolhidos dois participantes de modo aleatório, sendo um do sexo masculino e uma do sexo feminino, na faixa etária de 30 a 45 anos de idade, tendo entre dois e trinta anos de serviço, e que se encontravam ainda na ativa.

### **2. Materiais**

#### **a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1) foi apresentado aos participantes, contendo os objetivos da pesquisa, a fim de que os mesmos pudessem conhecer seus deveres e direitos, e também o nome e o telefone de contato dos pesquisadores responsáveis.

O documento foi lido pelo pesquisador assistente e assinado em 02 (duas) vias, por cada participante, antes do início da aplicação das técnicas de pesquisa, sendo que uma cópia permaneceu com os participantes e a outra com o pesquisador assistente.

#### **b) Termo de aceite da instituição**

O termo de aceite da instituição (ANEXO 2), estabelecendo a relação entre as partes (pesquisador e a instituição que indicou os participantes), foi assinado em 02 (duas) vias, para que a instituição concordasse com a participação de seus servidores, sendo que uma cópia ficou em posse da instituição e a outra com o pesquisador assistente.

c) Entrevista semiestruturada

Cada participante foi convidado a responder a uma entrevista semiestruturada (ANEXO 3), para apresentar informações a respeito de aspectos pessoais, profissionais e relacionais.

### **3. Procedimentos**

a) Considerações éticas

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília, conforme Resolução no. 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>), tendo recebido o seguinte número de CAAE: 47933821.7.0000.0023 (ANEXO 4).

Os participantes foram devidamente orientados sobre os objetivos do estudo e convidados a participar dele. Ao concordarem, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), antes do início do processo de coleta de dados. Foi esclarecido aos participantes que poderiam interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo pessoal, e, caso fossem observados sinais sugestivos de sofrimento psíquico, ao longo do processo, os participantes seriam orientados e encaminhados pelos pesquisadores responsáveis a procurar atendimento especializado em serviços psicológicos institucionais próximos a sua região de moradia.

b) – Coleta de dados

Inicialmente, o pesquisador assistente entrou em contato com os participantes e apresentou os objetivos da pesquisa. Em seguida, colheu as assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. A entrevista semiestruturada, com um total de 10 (dez) questões, foi realizada com cada participante em separado. Todas as perguntas e respostas

foram gravadas, para posterior transcrição. A duração dessa etapa foi de, aproximadamente, 55 minutos.

c) – Análise dos resultados

O processo de análise dos resultados foi realizado, de forma descritiva e detalhada, a partir do referencial teórico psicanalítico e da análise de conteúdo de Bardin (1977). As entrevistas foram transcritas e analisadas em toda a sua extensão, a partir das categorias extraídas dos conteúdos trazidos pelos participantes.

É importante ressaltar que a análise de conteúdo de Bardin (1977) é um método utilizado para pesquisas qualitativas, que pode ser dividida em três etapas: organização, codificação e categorização. Com o auxílio desse olhar teórico-metodológico, juntamente com a psicanálise, buscamos compreender o conteúdo das falas dos participantes. Dessa forma, foram quatro as categorias selecionadas, para fins de análise dos conteúdos obtidos neste estudo: riscos; vida profissional; reconhecimento e valorização; falta de reconhecimento e desvalorização.

## Resultados e Discussão

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos nas entrevistas realizadas, a partir de quatro categorias. Os aspectos relevantes presentes nessas categorias serão discutidos e exemplificados, com o auxílio das falas representativas trazidas pelos participantes, sendo por sua vez auxiliados pela literatura. Faremos ainda contrapontos com a introdução e a fundamentação teórica, com vistas a dar maior fluidez para a discussão.

O azimute norteador deste trabalho teve como palco de estudos o cenário de um batalhão de polícia militar do Distrito Federal, no alento de compreender algumas questões que inicialmente julgamos serem imperativas para a pesquisa. Perguntas que penetram no ambiente psíquico inconsciente dos participantes selecionados, tendo como referência também a cultura, o meio em que vivem e a própria instituição. Pois, como destaca Freud (1930/2010), “a vida humana em comum teve então um duplo fundamento: a compulsão ao trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor” (p. 63).

Portanto, focaremos nossos esforços nesses novos olhares que, como raízes trançadas, irrompem o tempo e, tal como uma metamorfose, reatualizam-se na modernidade.

Trata-se, pois, de pensar nos destinos do desejo na atualidade, já que esses destinos nos permitem captar o que se passa nas subjetividades. O rastreamento de alguns destes destinos nos possibilita uma leitura acurada das subjetividades. Com isso, podemos nos aproximar do que há de sofrimento nas novas formas de subjetivação da atualidade, circunscrevendo então o campo do mal-estar contemporâneo. (Birman, 2019, p. 16).

É imperativo ressaltar, antes de seguirmos adiante, que, no trabalho de discutir os dados obtidos, tivemos o desejo de compreender os resultados colhidos depois de nossa escavação,

fazendo uma alusão aos arqueólogos, pois tal como eles, olharemos de um ponto de partida muito mais voltado ao cultural e sociológico aqui. Tomando como lupa, para enxergar melhor essa complexidade, a teoria psicanalítica. Todavia, não temos a pretensão de evidenciar fatos clínicos, nem também nomear vilões e mocinhos, elencando um rol de culpas em nossa escrita.

Tentaremos tão somente, por meio do que foi obtido na pesquisa, considerando os indivíduos entrevistados, como seres únicos e singulares, abordar de maneira analítica, as tramas e os nós que ligam as angústias, pulsões e os desejos dos mesmos com o universo cultural e social do que é ser policial militar, procurando entender como essas configurações se dão no drama de sua existência humana, bem como os ganhos e as perdas.

Lembrando que, para esta discussão, os nomes dos participantes são fictícios.

## **1. Riscos**

Nesta categoria, observamos, a partir das falas dos participantes, como também o que se verifica no exercício da profissão, as dificuldades relacionadas com o trabalho policial. Para refletirmos a respeito e adentrarmos tais dificuldades, usaremos como ponto de partida uma pergunta feita por Steven Pressfield, em seu livro *O espírito do guerreiro*: “será que é saudável para a sociedade confiar sua defesa a 1% da população, enquanto os outros 99% agradecem aos céus por não terem de fazer o trabalho sujo?” (Pressfield, 2020, p. 99).

O outro questionamento surge como plano de fundo do anterior: é saudável para esse 1% que, de maneira abnegada, tenta defender o estado de direito dentro da sociedade? Freud (1930/2010) já suspeitava que as pessoas se valem de falsas medições, em se tratando de um aspecto mais cultural, como bem coloca, “é difícil escapar à impressão de que em geral as

pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida” (p.14).

Para exemplificar o nível de estresse que esses profissionais sofrem, trazemos trechos das entrevistas com os participantes, quando perguntados sobre quais as dificuldades que enfrentam ou enfrentaram na carreira:

*É ocorrências, assim que eu marco muito né, eu participei da, eu tava lotado no presídio e eu participei da rebelião de 2000 em Brasília, que foi a única né, a última rebelião, grande rebelião. Foram dias tensos mesmo, três dias de de de, sob estresse, e assim uma tensão muito grande, foi o momento mais difícil, na minha carreira policial foi lá no presídio (Adalberto)*

*Não. Não assim o que mais impactou assim na... foi no, também no período de... a gente ainda estava em formação. A gente foi lá para o chaparral, tem o chaparral ali em Taguatinga e lá é um dos locais é muito assim um dos locais para fazer perseguição é bem estreito, e... a... situação que fiquei mais assim, assustada e apreensiva, com relação ao colega que foi fazer as manobras né ai a gente da assim aquele choque aquele, ai fica assim apreensiva ai meu Deus vai dar merda, mas só situação assim mesmo, mas no mais, tranquilo. Questão de rua bem (Gina)*

Como evidenciado nas falas, esses policiais estão sempre correndo riscos e sob forte tensão, seja no espectro físico ou psicológico, os quais podem deixar marcas importantes, dependendo de como a situação é administrada, tanto pela corporação, como também pelo próprio indivíduo que sofre, como fica claro nesses trechos da entrevista, quando perguntados se o trabalho na polícia poderia desencadear algum dano físico ou psicológico:

*Há muitos, muitos. Físicos é muito normal né, porque à atividade física, faz parte do cotidiano do militar e do policial. Agora psíquico é muito grande né, a pressão diária, principalmente quem trabalha na rua né, no envolvimento direto com ocorrência, com homicídio, suicídio, né com várias mazelas da sociedade, isso uma hora pesa, para qualquer pessoa, não existe ninguém forte para isso não, talvez alguns tenham a reação imediata e outros vão ter a reação desencadeada com o passar do tempo, mas tem, muito (Adalberto).*

*Sim, com certeza... né. É físicos no sentido de do do do equipamento que a gente né tem que tem que tá de pronto, o colete é um pouco pesado a... o cinto que guarnição o próprio cuturno as vezes é um pouco desconfortável, mas isso aí é tudo adaptável né, vai muito do também do que o policial pode tá comprando para poder se ajustar e ficar mais confortável. É... a última pergunta? (Gina)*

*Psicológico, psicológico total afeta porque: você tem que ter um controle emocional muito grande ao se deparar com algumas situações que, quando o ser humano por si que atuar quer agir quer fazer acontecer e na hora a gente si vê e tem que dá aquela desacelerada, uma situação que a gente vê e e e já presenciou as vezes, um pai batendo em uma criança, a gente que é mãe, a gente leva muito pelo pessoal né, então é aquela hora que a gente tem que da uma segurada, o psicológico na hora né, tudo afeta, na hora que a gente tem que fazer os treina colocar em prática os treinamentos que a gente teve no curso que é de respirar fundo e agir na legalidade, porque se a gente for agir como um ser humano mesmo de querer tomar as dores por aquilo a gente faz merda e acaba respondendo (Gina).*

Nessas condições que o terreno nos apresenta, podemos apontar um caminho de compreensão para o sofrer desses indivíduos. Não resta, se não, uma escuta clínica para direcionar o julgo do peso carregado, impulsionado pelo mal-estar experienciado pelo sujeito. Uma possibilidade de escuta seria como apontada por Samico e Jorge (2018):

A direção da clínica com os policiais passa pelo acolhimento do indizível e, em consequência, em um tratamento de responsabilização por seu próprio saber fazer com o trauma, em movimento oposto à alienação à corporação, na qual o policial se coloca como vitimizado e segregado, impedindo qualquer apropriação subjetiva de seus sintomas. No lugar do ato falho, o ato da fala, da produção fantasística de narrativas possíveis sobre a trama da fantasia (p. 582).

Outra fala expressa pelo participante Adalberto, pode exemplificar também a importância de um modelo de clínica e escuta direcionado aos agentes de segurança pública:

*Totais, totais, tem que ser sempre acompanhado. O ideal era que tivesse um acompanhamento, psíquico fora, uma terapia não sei como é que poderia casar né relacionar mais, teria que ter. É visível em qualquer policial, com o passar do tempo você vai notando (Adalberto).*

O entrevistado fala de uma autonomia do militar e do reconhecimento de ser sujeito diante da própria experiência vivida, bem como do que dali venha a emergir para o consciente, como também da possibilidade de simbolização. “Não há sofrimento que justifique que uma pessoa abra mão de ser única. Fora do sofrimento *prêt-à-porter*, cada um inventa a sua singularidade” (Forbes, 2014, p.16).

No entanto, torna-se complexa uma autonomia do sujeito frente à instituição e suas normas, como também na vida, se não há um empenho por parte daqueles que são os tomadores



das decisões importantes, como, por exemplo, a possibilidade da implementação de escutas qualificadas, de acordo com o interesse, seguindo por sua vez o caminho do desejo daqueles acometidos pela angústia da surpresa e do novo. Forbes (2014) destaca algo importante sobre o tema:

Estar preparado para as circunstâncias não é ser erudito, nem ter um saber universal, a ponto de não ser surpreendido por mais nada. Ao contrário, é poder surpreender-se por tudo e não ficar paralisado diante da angústia da surpresa. Em análise, trata-se, então, de mudar o referencial da pessoa. Com ela, a pessoa abre mão de carregar uma identidade sabida, e explicar a própria vida a partir de uma determinada cena, para estar independente de todas as identidades possíveis (p.147).

Como bem apontado por Forbes (2014), o sujeito não pode recuar frente aos dilemas do viver. Porém, exige-se coragem para olhar de frente o que não se pode explicar, é preciso, acima de tudo, que entre em evidência a singularidade de cada pessoa, e, tal como um artista que abstrai suas angústias, transformando-as em obras de si mesmo, o policial deve, frente ao terror que muitas vezes circunda a profissão, buscar por saídas criativas no intento de fazer da sua experiência uma obra de si mesmo. De acordo com Birman (2019):

Nesse contexto, ou se atravessa a fronteira turbulenta do imponderável, do imprevisível e do indecível, ou se recua diante disso por um paliativo tranquilizante qualquer. Os dados estão jogados na roleta do destino. Por isso mesmo, é preciso que façamos as nossas apostas em pleno maremoto, no vácuo de certezas provocado pela tempestade em pleno alto-mar (p.38).

## **2. Vida profissional**

No que se refere à vida profissional, lembremos que estes profissionais estão em um regime de trabalho distinto ao ingressarem na polícia militar, pois estão submetidos aos ditames da caserna, com seus simbolismos, significados, fardamento e insígnias, como bem colocado por Samico e Jorge (2018), a respeito da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro:

A PMERJ se caracteriza por ser uma instituição hierarquicamente organizada e disciplinada. Possui uma vida institucional rica em símbolos, mitos, insígnias e outras construções simbólico-imaginárias que dão consistência à visão corporativa de seus membros. Em sua organização, essas construções funcionam como marcadores do que é a estrutura militar, quem pode comandá-la e a quem se deve obedecer. A construção de uma espécie de *ethos* policial militar transmite potentes referências simbólicas, que são visíveis a qualquer pessoa que se depare com um policial. O *esprit de corps* encontra-se tão bem introjetado, que seu efeito comparece no gestual dos policiais, no vocabulário e na maneira como ingressam socialmente nos lugares, expressam-se e interagem com as pessoas. Pudemos observar, em nossa pesquisa, o exercício incessante de uma uniformização de ações, de usos do corpo e dos discursos. As diferenças individuais devem ser minimizadas e o policial deve ser um veículo de emissão tão somente de respostas, seja na interação com os superiores ou até mesmo no contato com os cidadãos (p.570).

Como bem colocam esses autores, existe no meio militar o chamado *esprit de corps* ou espírito de corpo, que dá forma e uniformidade à tropa, no sentido de que todos os integrantes se sintam parte de um todo ou de algo maior, formando por sua vez um grupo coeso e unido para o enfrentamento das tarefas diárias, tanto dentro da corporação, como no serviço de rua para a sociedade.

Sobre a formação de grupos e os destinos dados às libidos dos seus participantes, no texto *Mal-estar na civilização*, Freud (1930/2010) conclui:

A realidade mostra que a civilização não se contenta com as uniões que até o momento lhes foram permitidas, que quer unir também libidinalmente os membros da comunidade, que se vale de todos os meios, favorece qualquer caminho para estabelecer fortes identificações entre eles, e mobiliza em grau máximo de libido inibida na meta, para fortalecer os vínculos comunitários através de relações de amizade (p.72).

Tal como explicado pelo criador da psicanálise, os grupos têm papel fundamental na cultura, pelo fato de existir um esforço no sentido de dar direção à força da libido, como também de mantê-la sob algum tipo de limite possível para o bom funcionamento do contrato social. Como explica Freud (1930/2010), “para realizar esses propósitos, é inevitável a limitação da vida sexual” (p.73).

Todavia, dar sentido ou direcionar tais expressões do inconsciente não significa que não existirá algum nível de sofrimento no indivíduo, principalmente no que se refere à hierarquia e à disciplina, pilares do militarismo. Acerca do tipo de sofrimento, relacionados a esses aspectos, os participantes expressaram:

*A... assim... a disciplina né, lidar com a hierarquia e a disciplina era difícil, lidar com questões né da, da intra muros de quartel era muito difícil, muito difícil, você aprender né. Que as vezes a disciplina que eu não tinha na em casa, aqui eu era obrigado a ter né. Então isso foi muito difícil. Você se adaptar a hierarquia e a disciplina, a vida militar, cotidiano militar era muito difícil. Hoje é muito tranquilo, muuuito tranquilo, mas antes não, antes era... (Adalberto)*

*Como eu tenho um... relativamente acho que é pouco 7 anos ainda não é muita coisa para poder tá, né. A maior dificuldade pra mim foi mais a questão deeee... lidar com os... não assim, a questão de subordinado e tal, eu sei, e desde de casa a gente sempre soube respeitar essa questão de hierarquia e tal, mas assim as, pode ser que as vezes a gente se sente assim um pouco né, constrangido com algumas situações na polícia com relação a autoridade. Mas nunca tive problema, assim de grande relevância não, nunca me senti perseguida, então para mim foi, tem sido bem tranquilo, questão de, eu acredito que você é uma pessoa que procura tá num padrão tá né tudo certinho, não tem porque você se opor ou ter alguma situação que venha a prejudicar e, ficar... mal (Gina)*

Pelas respostas fornecidas pelos participantes, é visível que a mística militar proporciona mal-estar em seus integrantes. Ao que parece, apesar de as normas serem de orientações claras e precisas, ao nível inconsciente algo escapa e se faz presente na economia psíquica dessas pessoas, trazendo consigo uma impossibilidade de simbolização desses conteúdos vindos do exterior, deixando um rastro desse encontro com o Real. Como escreveu Forbes (2014)

Mas o que será esse “Real”? Ele aparece quando a pessoa é retirada de sua referência habitual, de um saber estabelecido, simbólico e imaginário. Aparece quando uma pessoa tem suas bases de vida balançadas, e sente-se tocada. Nesse ponto, por já encontrar uma maneira de navegar sem seus antigos mapas, ela pode se perceber pronta a todas as circunstâncias (p.154)

Como bem descrito por esse autor, o Real é aquilo que não tem nome e nem nunca terá. O que fica bem exemplificado nas falas anteriores dos participantes, pois na atividade militar o sujeito lida a todo momento com o “inesperado por-vir”, nunca sabendo o que encontrará na próxima patrulha, pelo simples fato da existência do dinamismo do trabalho, podendo se deparar

com uma senhora tentando atravessar a rua, ou com uma quadrilha muito bem articulada e equipada do novo cangaço, domínio de cidades ou mesmo com casos de violência doméstica, dentre outros. O Real da profissão, ou que se faz presente no exercício, fica bem evidente na fala de Adalberto que se segue:

*A gente não é preparado para ver essas coisas? (Entrevistador)*

*Ninguém é ninguém é. É igual eu falei, algumas pessoas, tem o dano na hora, sofrimento imediato e tem outras que consegue segurar e vai suportando, mas uma hora também explode (Adalberto).*

*Deixa marcas? (Entrevistador)*

*Deixa com certeza (Adalberto).*

Podemos perceber o esforço do psiquismo para simbolizar as situações traumáticas ocorridas no dia-a-dia da profissão. No tocante a essas ocorrências, e no intuito de compreender esse encontro traumático, como na situação mencionada, é importante também compreender o conceito de angústia, conforme o descrevem Samico e Jorge (2018):

Remetendo aos avanços teóricos trazidos pela noção de pulsão de morte, Freud pôde então postular que a angústia é, em última análise, angústia de aniquilação e de morte. A manifestação da angústia é uma espécie de reação à ameaça de desaparecimento do sujeito, causada por alguma situação percebida como traumática e que remete ao desamparo. Tal desamparo pode se estabelecer em qualquer momento da vida, como uma condição de revivência da situação primeira de desamparo do bebê. Os sentimentos angustiantes ligados à castração são apenas uma modalidade da angústia, que se dá diante da perda do amor do objeto ou, em um segundo momento, daquela proveniente do supereu, instância da consciência moral (p.578).

Ainda em relação ao conceito de angústia, os autores retomam Freud, porém sob um novo prisma, pautado em uma perspectiva Lacaniana. Assim, acrescenta:

Ele (*Lacan*) retoma a definição de Freud de que a angústia é um afeto cuja posição mínima é a de sinal, mas a subverte ao postular que a angústia não é a manifestação de um excesso perigoso de afluxos de excitações internas ou externas, mas sim o afeto que, numa vacilação, captura o sujeito confrontado com o desejo do Outro. Lacan aposta na presença ameaçadora do desejo do Outro como causa da angústia e afirma que a angústia está relacionada ao temor do sujeito de ser tomado por inteiro pelo desejo do Outro (p.579).

Nesse sentido, Samico e Jorge (2018) continuam traçando sua escrita, apontando as subversões já implementadas no conceito Lacaniano de angústia, frente ao outro que captura o indivíduo como objeto, e concluem que: “Para Lacan, a angústia indica para o sujeito a probabilidade de ser reduzido à posição de objeto do desejo do Outro e apontou a existência de uma estrutura própria” (p.579).

Desde as situações traumáticas vividas pelos participantes deste estudo, tanto no contexto institucional, como também na atividade que exercem, fatores estes já bem tratados em parágrafos anteriores, é salutar que também imaginemos saídas frente à angústia do Real que se apresenta a cada dia. Não é algo simples pensar saídas criativas para situações difíceis de ressignificação. Porém, Birman (2019) aponta um horizonte possível:

Nesse contexto, o sujeito se encontra na posição inevitável da *angústia do Real*, que pode ser um efeito traumático caso ele não possa transformá-la em *angústia do desejo*, já que o efeito do impacto pulsional é sempre a angústia. A constituição de circuitos pulsionais ligados a um campo de objetos de satisfação, possibilitando a simbolização das forças

pulsionais em representantes-representação, constitui a condição *sine qua non* para a transformação da angústia do real em angústia do desejo, impossibilitando, pois, a instalação, no sujeito, do horror do trauma (p.47).

### 3. Reconhecimento e valorização

Um aspecto importante, evidenciado nas entrevistas, foi a importância que os militares deram para o fator social de serem reconhecidos e, principalmente, valorizados pelo seu trabalho como sendo importante no cenário social/institucional, e que a sua atuação, enquanto atores de segurança pública, é de fato relevante e significativa. Percebemos o quanto tal aspecto veio impregnado de uma visão bem contemporânea de instituição em rede que, apesar de exercer um trabalho único, depende de outros fatores e instituições para um bom funcionamento global.

Vejamos as palavras de Adalberto:

*É o trabalho policial hoje ele depende de outros fatores sociais né, não tem como separar a gente num vai corrigir tudo né. Isso depende no investimento na educação isso depende do investimento na saúde, principalmente na educação né, porque é um conjunto, a gente é só uma base ai do tripe, mas... é... num tem como uma sair fora da outra né, destoar, então tem que ter essa interação ela é conjunta, nunca vai existir uma polícia ideal se você não tiver uma sociedade educada, nunca vai existir um polícia ideal se você não tiver uma sociedade tratada, do ponto de vista de saúde, então é muito difícil (Adalberto).*

*Você não tira o policial do nada de outro planeta (Entrevistador)*

*Não e acaba que você absorve né, absorve a falta de educação, falta de saúde, desespero (Adalberto).*

A participante Gina traz algo ainda mais novo para a discussão que é o advento de tecnologias para o trabalho policial, com vistas à sua importância no teatro de operações exercidas pelo militar no atributo de suas funções diárias, em ocorrências no contato com a sociedade:

*Bom, hoje em dia a gente tá bem encaminhando com a tecnologia né, a tecnologia já tem ajudado bastante. É... já temos muitas, aqui mesmo no Paranoá, eu não sei se uma das últimas cidades a colocar, lá no plano já é praxe isso daí ter, câmeras né digital fazendo monitoramento dentro da sala, e aí a viatura de repente, eu acredito que um ambiente uma situação muito favorável é de a prevenção. Embora o nosso trabalho da PMDF seja de prevenir o crime, muitas vezes a gente já chega e a situação já tá acontecendo ou já aconteceu, enfim. Mas o cenário é perfeito que eu diria tá utilizando de melhor forma o que a gente tem de tecnologia, puderem podendo implementar e dando esse suporte para todos os policiais né, porque as vezes fica centralizado só com alguns oficiais ou alguém que eles designam. Mas eu acredito que, vai caminhar para uma uma uma linha que isso daí, eu acredito muito tenho muito pensamentos positivos com relação a isso (Gina).*

*É fé, exatamente eu acredito que isso aí vai caminhar pra coisas boas né, eu não penso assim que: há vai ficar centralizado e o praça que se vira e o oficial que que sabe e num vai passar pra frente não, isso aí eu acho que a corporação ela tem caminhado para um, tem aberto os olhos tem caminhado para que isso venha dar certo faça acontecer eu acho que esse é um cenário bom (Gina).*

*Você acha que polícia está mudando, então? (Entrevistador).*



*Isso mudando pra melhor, eu tenho essa visão (Gina).*

Neste ponto, podemos remeter ao princípio do prazer, em que os indivíduos direcionam em certa medida sua vida para tal finalidade, buscando colocar em pauta seus desejos, no convívio em comunidade. Essa procura relaciona-se também com tentativa de retirada da dor e do desprazer. Como bem descrito por Freud (1930/2010):

O que revela a própria conduta dos homens acerca da finalidade e intenção de sua vida, o que pedem eles da vida e desejam nela alcançar? É difícil não acertar a resposta: eles buscam a felicidade, querem se tornar e permanecer felizes. Essa busca tem dois lados, uma meta positiva e uma negativa; quer a ausência de dor e desprazer e, por outro lado, a vivência de fortes prazeres. No sentido mais estrito da palavra, “felicidade” se refere apenas à segunda. Correspondendo a essa divisão das metas, a atividade dos homens se desdobra em direções, segundo procure realizar uma ou outra dessas metas – predominantemente ou mesmo exclusivamente (p.30).

É evidente que queremos e almejamos situações mais prazerosas e confortáveis em nossas vidas. Nos diálogos anteriores, constata-se essa vontade de que os ambientes institucional e social tenham condições melhores e mais propícias de acordo com o desejo de cada sujeito. No entanto é complexo alinhar desejos, instituições e culturas. Pois existe um desacordo entre o externo e o interno, como afirma Freud (1930/2010) na passagem que segue:

Como se vê, é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Este princípio domina o desempenho do aparelho psíquico desde o começo; não há dúvidas quanto a sua adequação, mas seu programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto macrocosmo como o microcosmo. É absolutamente inexecutável, todo o arranjo do universo o contraria; podemos dizer que a intenção de que

o homem seja “feliz” não se acha no plano da “Criação”. Aquilo que chamamos “felicidade”, no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente represadas, por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico (p.30-31).

Vejamos no diálogo a seguir, entre Adalberto e o entrevistador, sobre o desejo de ser policial, as expectativas e a realidade do trabalho; e como se mostra contraditório, e de complexa manutenção, o princípio do prazer:

*O que significa ser policial para você? (entrevistador)*

*Na... hoje é... motivo de orgulho né, carreira profissional, to encerrando né, já to no terço final. E a carreira para mim hoje é agradecimento e orgulho (Adalberto).*

*Falou que hoje é motivo de orgulho (Entrevistador)*

*É... (Adalberto)*

*E antes? (Entrevistador)*

*Não, quando entrou não. Quando entrei, entrei muito novo né, entrei com 18 anos e..., vida civil o tempo todo não tinha militar nenhum né, nenhum policial na família. E aí a gente, teve o primeiro embate, a primeira pressão de, da disciplina, da regularidade, era uma PM mais injusta né (Adalberto).*

*Naquela época... (Entrevistador).*

*25 anos atrás. E aí até você firmar, igual a gente fala aqui né, até sentar, demora um pouco essa adaptação. Confesso que no início, eu achava que não era para mim, durante um bom tempo... 5 a 10 anos aí para me adaptar mesmo (Adalberto).*

*Era outra PM? (Entrevistador)*

*Era, outra... assim a ideia era sair, ir embora, num era pra mim mas, ai isso depois a gente foi construindo né, a carreira, foi entendendo, foi amadurecendo. Hoje eu tenho muito orgulho mesmo (Adalberto).*

Como bem podemos notar, e para isso não se necessita muito esforço, viver é em grande medida desafiador, por inúmeras razões, como bem colocado por Freud (1930/2010), e já citado aqui que a felicidade plena não faz parte dos planos da Criação. E que é mais comum experimentarmos situações de infelicidade no cotidiano. Fato é que, no trabalho policial, este fator aumenta exponencialmente devido aos meandros da carreira. Neste sentido, podemos analisar a fala de Adalberto, citando novamente Freud (1930/2010):

Quando uma situação desejada pelo princípio do prazer tem prosseguimento, isto resulta apenas em um morno bem-estar; somos feitos de modo a poder fluir intensamente só o contraste, muito pouco o estado. Logo, nossas possibilidades de felicidade são restringidas por nossa constituição. É bem menos difícil experimentar a infelicidade. O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com outros seres humanos (p.31).

Podemos concluir dizendo que existir é um ato de superação constante e exige certo grau de maturidade, pois os que não se desenvolvem costumam sentir muitas dificuldades nessa empreitada do viver, ou pelo menos ficam com algumas cicatrizes. Como bem expressa Forbes (2016) em seu livro, *you want what you want?* “viver dá trabalho, uma vez que a cada minuto surge um fato novo, uma surpresa, um inesperado que exige correção da rota da vida” (p.18).

#### 4. Falta de Reconhecimento e desvalorização.

Para darmos início a esta categoria, gostaríamos de destacar a percepção de comprometimento dos participantes, no que se refere ao ser policial e quanto a como se veem em sua atividade, nos chamando à atenção para uma espécie de metamorfose de sentido, mudança significativa de si e de como veem a si mesmos, e, por fim, uma visão para os problemas sociais e para a falta de reconhecimento profissional, no sentido de uma alteridade distorcida por parte de parcelas da sociedade. No trecho a seguir tais aspectos podem ser melhor observados:

*Se sente valorizado na instituição? (Entrevistador)*

*Cara, não pelo estado não. Não não a gente não é. Tá evoluindo, está, as pessoas tem aprendido que a polícia militar faz parte do cotidiano hoje né. E também é uma polícia mais cidadã, antes era mais repressora, e hoje tem mudado, mas a valorização de carreira ainda não, ainda não. Tá em processo, eu acredito que já exista um processo de valorização, mas não é pleno ainda não (Adalberto).*

*Você acha que a polícia está evoluindo com o tempo? (Entrevistador)*

*Com certeza, muito evoluiu muito (Adalberto).*

*E a sociedade? (Entrevistador)*

*A sociedade tem aprendido, o valor né de ter a polícia militar, a polícia militar, ninguém com todo respeito as outras polícias, cada um tem sua importância, mas ninguém faz segurança pública igual a PM, ninguém o policial militar estar em qualquer lugar, ta dentro do mato dentro da água do lago ta aqui ta na área rural ta ar né, nossa BAVOP, então não existe, não existe, quem faça segurança pública igual a PM (Adalberto).*

*É como se fosse o pilar da estrutura de segurança? (Entrevistador)*

*Toda, toda, toda é o que gira. Na verdade, a gente, a gente mantém a ordem pública, isso nenhuma outra polícia faz, nenhuma outra (Adalberto).*

*Isso é um peso? (Entrevistador)*

*É. Porque para né. Você travou a polícia militar, você, a ordem pública acaba. É o caos né, se torna o caos. Então... e as pessoas tem entendido, esse papel hoje a PM na sociedade (Adalberto).*

*E como você se sente com isso? (Entrevistador)*

*Essa valorização e esse processo é que faz a gente, ter mais orgulho da profissão, a gente vai aprendendo, a gente vai vendo que a gente pode mudar o meio também. A gente começa daqui de dentro né, o nosso meio pequeno vai saindo para fora (Adalberto).*

*Como você enxerga o trabalho da polícia militar na sociedade? (Entrevistador).*

*Hoje, é igual eu falei, é essencial. Com todo respeito as outras atividade de segurança, cada um tem o seu, mas o nosso é essencial, porque ninguém faz segurança pública igual a PM, ninguém faz, não faz (Adalberto).*

Em outro momento, Gina também recorre a respostas semelhantes, acerca de sua posição perante a sociedade e de como percebe o não reconhecimento de si espelhado no semblante do outro que a observa logo ali fora da viatura. “A autoexaltação desmensurada da individualidade no mundo do espetacular fosforescente implica a crescente volatilização da solidariedade” (Birman, 2019, p. 25).

*A sim, não a gente a é, como pessoa a gente vê as coisa é militar, antes de militar a gente tem uma visão de que por exemplo de que policia ela tem a obrigação de fazer as coisas de fazer acontecer e de tá ali protegendo o tempo todo a sociedade, mas quando a gente vem para o lado de cá a gente vê que as coisas não são bem assim né, que tem todo*

*um...uma situação, tem todo um... legalidade a ser cumprida e eu acredito que até isso também pode ser que as vezes deixa a gente um pouco... como eu posso dizer, é... inerte porque as vezes você quer atuar né, e acaba que as portarias, as leis dentro da instituição meio que freia porque se você fizer pode ser que você responda e acaba que você tem ficar sempre um passo atrás e a não atuando quanto e como você gostaria de tá atuando, porque infelizmente hoje em dia a inda tem um ranço assim de que é, por exemplo: você só tem que fazer aquilo que tá determinado se você fizer mais do que isso você vai responder e as vezes pode ser até injusto né pode acontecer injustiças e o policial tá respondendo por algo que... no fundo de verdade ele gostaria de tá, tá fazendo um plus pra sociedade, fazendo um melhor, mas as vezes ele tem que retrair deixar de fazer porque ele vai pensar que aquilo tá afetando a carreira dele, entendeu? Então acaba que essa é a visão. Antes eu tinha uma visão e hoje a gente vê que não pode tipo sangue no olho fazer, tem que tá mais retraído pra não tá caindo nessa nessas armadilhas do sistema né (Gina).*

*Você acha que essa sua visão de polícia que você tinha antes, era meio que obrigada a fazer as coisas, ela veio de onde, da mídia, da sociedade, o que te fez pensar assim da polícia? (Entrevistador)*

*A mídia na verdade a mídia ela ela ela afeta muito o psicológico da sociedade querendo ir contra o sistema, contra o estado contra as pessoas de bem, eu não acredito numa mídia que seja limpa que seja justa. Hoje em dia infelizmente a tem a mídia manipula muito né ela vem para manipular aquilo que ela que a que o estado intervenha bate ali em cima para poder ou ter uma resposta entendeu? Ai a mídia é meio que, como que eu posso dizer é uma forma de manipular as pessoas para que o estado traga uma resposta*

*imediate e as vezes não é assim tem todo um processo tem todo tem que ser no tempo certo e quando a mídia vem dessa forma batendo, as vezes o estado tem que da uma resposta imediata e acaba fazendo algumas coisas que não deveriam acontecer se fosse num curso normal. Não sei se eu fui muito... (Gina).*

É importante ao nosso ver que nesta última categoria tratemos sobre alteridade de um ponto vista da psicanálise. Temos que reconhecer o particular de cada um. É bastante tentador olhar de fora e tecer críticas, com ou sem fundamento, sobre o tema policial e seus agentes de segurança pública, mas é preciso que haja um grau significativo de solidariedade, como bem descrito por Birman (2019), “a solidariedade seria, assim o correlato de relações inter-humanas fundamentais na *alteridade*. Para isso, no entanto, seria necessário que o sujeito reconhecesse o outro na *diferença e singularidade*, atributos da alteridade” (p.25).

Falar sobre alteridade é fator primordial para podermos entender as falas transcorridas nesta categoria, pois é na falta de reconhecimento do diferente, e na interdição do singular do outro que floresce, que vamos caminhar para o já conhecido caminho do não diálogo, seja num aspecto institucional, social ou cultural. É emergente que discutamos tais temas presentes nas falas, principalmente no que diz respeito ao desconhecimento da posição de sujeito do outro no convívio em sociedade. Percebemos uma cultura autocentrada e ensimesmada e queixosa de si e para si, muito semelhante ao posicionamento narcísico, como bem escreve Birman (2019):

O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. Referindo sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para o seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente

manipulado para o gozo que o outro se apresenta para o sujeito no horizonte da atualidade (p. 25-26).



## Conclusão

Na introdução deste trabalho tentamos, com empenho, transcrever o cenário atual vivido pelos policiais brasileiros, que sem sombra de dúvidas é um dos mais críticos do mundo. Este é um dado assustador, porque é sinal de que estamos falhando em algum ou em variados pontos do caminho, enquanto sociedade. É preocupante para nós constatarmos o adoecimento de indivíduos que fazem parte de uma instituição estatal, ainda mais quando detêm o uso diferencial da força.

É importante que reflitamos sobre tal cenário. Esse por sua vez, foi um dos norteadores para esta pesquisa. Muito nos mobilizou o modo pelo qual esses agentes de segurança pública lidam com o Real de sua profissão, e como nós, enquanto profissionais da saúde, podemos auxiliar nessa jornada, e, também, como podemos, através de nossa posição de “sujeito de saber”, enfrentar e encontrar instrumentos criativos que os amparem e acolham.

Desde que criamos consciência e decidimos sair do paraíso uterino, nos deparamos com o Real do mundo e suas consequências em nosso corpo e psiquismos, como o sofrimento e a angústia. Além disso, desde sempre e para sempre vamos tentar nomear, explicar e buscar simbolizar o sofrer que acomete todos nós. Partindo da posição comum a todos nós, temos, ao longo da nossa existência, procurado por sentidos, como na criação dos Mitos na antiguidade, para de algum modo explicar a complexidade do viver.

Com o passar dos anos os acontecimentos da vida tomam outros rumos e o outrora conhecimento arcaico, aos poucos, vai sendo revisto e reescrito, conforme mandam os preâmbulos de seu tempo. Porém, uma coisa não muda nem nunca mudará, o humano demasiadamente humano e o Real da existência. Ambos estão conectados desde os primórdios, como num enlace romântico de união, surpreendente para seres humanos.

Aqui podemos entender a complexa tarefa de buscar compreender e quiçá trazer alguma contribuição para o tema do sofrimento humano. Em nosso caso específico, de policiais militares do Distrito Federal. Como fazer frente ao indizível, inominável, da existência, ainda mais em uma carreira cheia de adversidades e surpresas constantes, a cada serviço realizado? Vou me ater aqui a uma ponta de esperança (por falta de um adjetivo melhor), a partir do que foi escrito por Pressfield (2020), “A recompensa de uma vida de adversidade é a liberdade” (p.76).

Mas como seria isso de liberdade na adversidade? É exatamente isso. Ao longo da pesquisa, percebemos que as queixas, os sintomas ou mesmo as estruturas clássicas em psicanálise, são ganchos utilizados para manter um certo ponto de apoio frágil e quebradiço. Pois, no embate do existir, e no decorrer do caminhar, o indivíduo se depara com inúmeras situações adversas, e, enquanto o sujeito tentar usar as mesmas fórmulas de colagem já conhecida, não vai experimentar a liberdade de ser singular e único. Vejamos o que Forbes (2014) bem descreveu acerca desse tema:

Nenhuma identidade pré-fabricada é boa o suficiente para ser imutável. Todas são postas em questão. Assim, escapamos de fazer da vida uma tragédia clássica, que tem final marcado. Livramo-nos de um futuro condicionado, uma experiência sem conhecimento da morte. Assumimos que ela é sempre surpreendente, e que não adianta passar a vida em uma trincheira (p.157).

É imperativo que a psicanálise entre nos muros do quartel, mas não como um saber que tudo sabe, e sim com a humildade de um aprendiz e o conhecimento de um mestre que, acima de tudo, está ali, não para repintar os muros e moldar suas tradições, pois seríamos expulsos. Temos tão somente que ajudar o indivíduo que ali habita, por detrás da farda e das normas e tradições, a

reconhecer sua singularidade diante da padronização e sobretudo auxiliá-lo na busca por saídas criativas frente ao Real.

Mesmo que o sujeito assuma uma postura heroica frente às adversidades da sua vida pessoal e profissional, tal postura não será suficiente para por fim ao mal-estar, pois o sofrimento não acaba, mas é possível de ser sublimado. No decorrer dos diálogos com os participantes, foi percebido que, no momento do choque com o cenário de uma ocorrência, em pouco tempo tinham que encontrar soluções viáveis e com o mínimo de efeito colateral.

Nem todo treinamento do mundo pode fazer uma pessoa adaptar-se ao aparecimento de circunstâncias críticas. Esse foi um dos dados obtidos neste estudo. É preciso criar outras formas de abordagem para as configurações subjetivas do sofrimento psíquico policial. Como bem mencionando pelos próprios participantes, que englobem outras áreas da sociedade e não fiquem somente no equívoco farmacológico e de distribuição de rótulos com diagnósticos.

Podemos dizer, portanto, que o sujeito dessa nossa história é alguém que pode inscrever um novo mito em nossa cultura elementar. Seria este o Mito ao heroico da singularidade, diante da vasta e complexa rede de emaranhados do existir? Ou seja, alguém que deu sua vida, ou melhor, viveu sua vida por algo maior que si mesmo e sobretudo para si mesmo, tendo no outro um reflexo de seus feitos, mas não como aqueles pobres de espírito que, ao se depararem com uma situação traumática, sacam da sua câmera e filmam a cena. Me refiro aqui a um herói diferente que, no reconhecimento de si, escolheu entrar em uma casa em chamas e salvar alguém com sacrifício, em nome de algo que surgiu dentro de sua singularidade, decidiu por abrir mão da ilusão fraticida e fantasiosa tecida, de que a vida seja uma *time-line* de rede social. Mas com coragem, decidiu jogar-se frente ao Real do projétil que o atingiu e o fez morrer.

Este é o “nome ao mito” do herói, reescrito nas forjas ferventes dos rincones do inconsciente e que, no limiar vulcânico das profundezas da subjetividade, deixou, com coragem invejável, os conteúdos latentes, que como larva fervilhavam, virem à tona como uma erupção.

Por fim, esperamos que os resultados obtidos neste trabalho possam de alguma maneira lançar luz para as questões aqui trabalhadas, no sentido de auxiliar tanto os policiais militares que sofrem, como também as instituições de estado, e ainda os profissionais de saúde, no intuito de abrir uma janela para a reflexão do tema do sofrimento psíquico dentro da caserna, como também as teias culturais envolvidas, que configuram o viver em sociedade.

O “nome ao mito” é, por sua vez, uma sugestão criativa de saída frente ao Real no trabalho policial. Seria também uma estratégia singular do sujeito frente a sua angústia. O “nome” é tão somente o individual presente no “mito”, que seria a história particular de cada um. Ou seja, a partir do momento que assumo, com certa dose de coragem, ética e responsabilidade, os destinos do meu desejo, abro uma tela própria, no programa da vida. Este posicionar-se difere da posição de vítima das circunstâncias.

Para concluir, é salutar deixar registrado que a psicanálise é um instrumento possível e acessível de investigação de temas complexos, da ordem do impossível, bem como de assuntos atuais. A presente pesquisa é prova disso, pois o conhecimento não cessa, e as dificuldades são um jogo escuro até a chegada da luz. Desse modo, o arcabouço da psicanálise nos orientou diante de temas, a princípio, sem solução, nos apontando um caminho seguro e firme teoricamente, como também trouxe algo novo em folha, tal como ocorreu com “o nome ao mito”, para que este nos sirva de rumo.

## Referências

Batista, André Luiz de Souza Batista, *Relatos de mais um combatente (Uma guerra sem vitória)*.

In: Araújo, Leonardo Oliveira Andrade de. (2020). *Relatos de mais um combatente (Uma guerra sem vitória)*.

Bardin, Laurence. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.

Bettini, Eduardo. (2020). *Mamba Negra (O combate ao Novo Cangaço)*. Cascavel-SP: Alfacon.

Birman, Joel. (2019). *Mal-estar na atualidade (A psicanálise e as novas formas de subjetivação)*. 13°. Ed. Rio de Janeiro-RJ: Editora Civilização Brasileira.

Freud, Sigmund. (1930). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das letras.

Freud, Sigmund. (1925). *A Negativa*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. XIX.

Forbes, Jorge. (2014). *Psicanálise (a clínica do Real)*. Barueri - SP: Editora Manole.

Forbes, Jorge. (2016). *Você quer o que deseja?*. Barueri - SP: Editora Monole.

Greco, Rogério, Monteiro, André e Bettini, Eduardo. (2018). *A retomada do complexo do alemão*. Niterói-RJ: Editora Impetus.

Mesquita, Adriana. Contextos e questões acerca do adoecimento psíquico numa instituição militar. *Saúde Mental e Segurança Pública*, 9-17, jan/dez, 2008.

Nakane, Andréia. *Acima de tudo, seres humanos*. 2020. Disponível em:

<https://diariodorio.com/andrea-nakane-acima-de-tudo-seres-humanos/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

- Nasio, Juan D. (1995). *Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Oliveira, K. L. e Santos, L. M. (2010). Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua. *Sociologias*, 25 (12), 224-250.
- Pressfield, Steven. (2020). *O espírito do guerreiro*. São Paulo: Contexto.
- Queiroz, Maria do Socorro. *O sofrimento psíquico do policial civil: uma leitura psicanalítica*. 2008. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2008.
- Samico, Fernanda. C e Jorge, Marco. A. C. (2018). Do trauma à possibilidade de uma narrativa (notas sobre a psicanálise em um Batalhão de Polícia Militar). *Latinoam. Psicopat. Fund*, 15 (3), 568-588.

**ANEXOS**

## **ANEXO 1**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

**Tema: O sofrimento psíquico em policiais militares do DF sob o olhar psicanalítico**

**Centro Universitário de Brasília – CEUB**

**Pesquisadora responsável: Me. Aurea Chagas Cerqueira**

**Pesquisador assistente: Dalton Fortes Amurim**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade), você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### **Natureza e objetivos do estudo**

- O objetivo específico deste estudo é conhecer O SOFRIMENTO PSÍQUICO DE POLICIAIS MILITARES, no exercício de suas funções.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por SER UM POLICIAL MILITAR, na faixa etária de 30 a 45 anos de idade, tendo entre 2 (dois) e 30 (anos) de serviço, e



ainda na ativa.

### **Procedimentos do estudo**

- Sua participação consiste em RESPONDER ALGUMAS PERGUNTAS
- O/os procedimento(s) é/são UMA CONVERSA QUE SERÁ FEITA POR MEIO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS, SENDO QUE A ENTREVISTA SERÁ GRAVADA, COM A UTILIZAÇÃO DE UM GRAVADOR, para que os dados se mantenham íntegros.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento seu neste estudo.
- A pesquisa será realizada NO 20º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR, região administrativa do Paranoá no Distrito Federal.

### **Riscos e benefícios**

- Este estudo apresenta riscos MÍNIMOS, para você.
- Medidas preventivas serão tomadas durante a coleta de dados. VOCÊ PODERÁ DESISTIR DE PARTICIPAR A QUALQUER TEMPO. CASO NECESSITE DE AUXÍLIO, PODEREMOS INDICAR UM APOIO, DENTRO OU FORA DA INSTITUIÇÃO para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa, você PODERÁ AUXILIAR NA COLETA DE INFORMAÇÕES PARA contribuir para maior conhecimento sobre O TEMA.

### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em

contato com um dos pesquisadores responsáveis.

- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

### **Confidencialidade**

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados COLETADOS NA FORMA DE GRAVAÇÃO, ficarão guardados sob a responsabilidade da **Pesquisadora responsável: Me. Aurea Chagas Cerqueira e do pesquisador assistente: Dalton Fortes Amurim**, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição à qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu,

\_\_\_\_\_ RG

\_\_\_\_\_, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo, voluntariamente, em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em 02 (duas) vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Nome completo Participante

---

Aurea Chagas Cerqueira – Telefone (61) 99986-2105 – aurea.cerqueira@ceub.edu.br

---

Dalton Fortes Amurim – Telefone (11) 95667-2555 – dalton.fortes@sempreceub.com

## ANEXO 2

### Termo de aceite institucional

Ao/À

Nome do responsável institucional

Cargo

Eu, **Aurea Chagas Cerqueira** responsável pela pesquisa **“O sofrimento psíquico em policiais militares do DF sob o olhar psicanalítico”**, junto com o aluno, **Dalton Fortes Amurim**, solicitamos autorização para desenvolvê-la nesta instituição, no período de **agosto de 2021 à setembro de 2021**. O estudo tem como objetivo **compreender, a partir do enfoque psicanalítico, como o trabalho em uma instituição policial pode produzir sofrimento psíquico em seus policiais**; será realizado por meio dos seguintes procedimentos **aplicação de entrevista semiestruturada** e terá **02 (dois) participantes (um do sexo masculino e uma do sexo feminino, na faixa etária de 30 a 45 anos de idade, tendo entre dois e trinta anos de serviço, e que estejam ainda na ativa)**.

Declaro que a pesquisa ocorrerá em consonância com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, que regulamentam as diretrizes éticas para as pesquisas que envolvem a participação de seres humanos, ressaltando que a coleta de dados e/ou informações somente será iniciada após a aprovação da pesquisa por parte do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB (CEP-UniCEUB) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), se também houver necessidade.

---

Aurea Chagas Cerqueira / [aurea.cerqueira@ceub.edu.br](mailto:aurea.cerqueira@ceub.edu.br)

---

Dalton Fortes Amurim / [dalton.fortes@sempreceub.com](mailto:dalton.fortes@sempreceub.com)

O/A \_\_\_\_\_ (*chefe, coordenador/a, diretor/a*) do/a (*escola, academia, serviço, clínica, centro de saúde, hospital*), (*Dr<sup>a</sup>. Prof<sup>a</sup>. Diretor/a Nome do responsável*) vem por meio desta informar que está ciente e de acordo com a realização da pesquisa nesta instituição, em conformidade com o exposto pelos pesquisadores.

Brasília-DF, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Nome e carimbo com o cargo do representante da instituição onde será realizado o  
projeto

**ANEXO 3****ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA  
APLICAÇÃO INDIVIDUAL****DADOS GERAIS**

IDENTIFICAÇÃO: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

SEXO: \_\_\_\_\_

POSIÇÃO NA FAMÍLIA: \_\_\_\_\_

COMPOSIÇÃO FAMILIAR: \_\_\_\_\_

TEMPO NA INSTITUIÇÃO POLICIAL: \_\_\_\_\_

CARGO/FUNÇÃO: \_\_\_\_\_

**ENTREVISTA**

1. O que significa ser policial militar para você?
2. Que motivo levou você a escolher esta profissão?
3. Qual a maior dificuldade que você já teve que enfrentar na instituição?
4. Você se sente valorizado(a) pela instituição?
5. Como você enxerga o trabalho da polícia militar na sociedade?
6. Você acha que a sociedade valoriza e reconhece o trabalho da polícia? Por que?
7. Qual a situação mais difícil que você já enfrentou no trabalho policial?
8. Em sua opinião, o trabalho policial pode desencadear problemas físicos ou psicológicos? Por que?

9. Como seria, em sua opinião, um cenário ideal para o trabalho policial?
10. Você poderia descrever o que mudou em sua vida antes de se tornar militar e agora que está exercendo a função?

**ANEXO 4**

**Parecer consubstanciado do CEP**



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DA EMENDA**

**Título da Pesquisa:** O sofrimento psíquico em policiais militares do DF sob o olhar psicanalítico.

**Pesquisador:** AUREA CHAGAS CERQUEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 47933821.7.0000.0023

**Instituição Proponente:** UNICEUB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.020.652

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de projeto de pesquisa intitulado "O sofrimento psíquico em policiais militares do DF sob o olhar psicanalítico", sob relatoria principal da Professora do Centro Universitário de Brasília Aurea Chagas Cerqueira (Mestra em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília - <http://lattes.cnpq.br/3126390608777311>).

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília e as informações que seguem abaixo descritas constam nas Informações Básicas do Projeto e no Projeto de Pesquisa detalhado, ambos cadastrados na Plataforma Brasil.

- TIPO DO ESTUDO: Propõe-se a realização de pesquisa qualitativa, realizada com emprego de entrevista semiestruturada para fins de compreender as dificuldades de policiais militares no Distrito Federal, com suas nuances e características e como estas produzem sofrimento psíquico em seus agentes.

- DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES: Os participantes da pesquisa serão dois policiais militares do Distrito Federal atuantes na região administrativa do Paranoá, dos sexos masculino e feminino, na faixa etária de 30 a 45 anos de idade, tendo entre dois e trinta anos de serviço.

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

**Bairro:** Setor Universitário

**CEP:** 70.790-075

**UF:** DF

**Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3966-1511

**E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 5.020.652

- **NÚMERO DE PARTICIPANTES DA PESQUISA:** De acordo com o projeto de pesquisa, prospecta-se a participação de dois participantes que estejam na ativa dos serviços militares prestados na região administrativa do Paranoá, no Distrito Federal.

- **FORMA DE RECRUTAMENTO DOS PARTICIPANTES:** A forma de recrutamento ao público será aleatória em relação aos dois participantes, prevendo-se o encaminhamento de Termo de Aceite Institucional à Polícia Militar atuante no Paranoá/DF, que indicará aqueles.

- **CRITÉRIOS DE INCLUSÃO:** Adotam-se os seguintes critérios de inclusão dos participantes: que um participante seja do sexo masculino, na faixa etária entre 30 e 45 anos de idade, militar na ativa e atuante de dois a trinta anos de serviço; que uma participante seja do sexo feminino, na faixa etária de 30 a 45 anos de idade, militar na ativa e atuante de dois a trinta anos de serviço.

- **CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:** Não há indicação de critérios de exclusão.

- **TIPO DE INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO O ESTUDO:** Informa-se que as entrevistas serão realizadas no 20º Batalhão de Polícia Militar, região administrativa do Paranoá no Distrito Federal.

- **PROCEDIMENTOS QUE SERÃO REALIZADOS COM OS PARTICIPANTES:** Para o desenvolvimento da pesquisa, a pesquisadora informa que realizará entrevista semiestruturada, gravada para posterior decodificação.

- **MÉTODO DE COLETA DE DADOS/INFORMAÇÕES:** Adota-se a metodologia qualitativa por meio da realização de entrevista semiestruturada, com referencial teórico da psicanálise. Em emenda, foi acrescentado pelo pesquisador, também, o método baseado na teoria de análise de conteúdo de Bardin (1977). Serão escolhidos, de modo aleatório, dois policiais na ativa, de ambos os sexos, com dois a trinta anos de serviços prestados, com 30 a 45 anos de idade e que estejam atuando na região administrativa do Paranoá. Serão apresentados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, bem como os objetivos da pesquisa, seus deveres e direitos e dados relativos à pesquisadora responsável. O TCLE será lido pelo pesquisador assistente (Dalton Fortes Amurim - <http://lattes.cnpq.br/7221002711833564>) e assinado em duas vias por cada participante antes do início das entrevistas. Os participantes serão, então, convidados a responder a uma entrevista clínica, cujo objetivo é o de colher informações a respeito de aspectos pessoais e relacionais. São

**Endereço:** SEP/707/907 - Bloco 6, sala 6.206, 2º andar  
**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3986-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 5.020.652

perguntas a serem feitas aos participantes: 1) O que significa ser policial militar para você? 2) Que motivo levou você a escolher esta profissão? 3) Qual a maior dificuldade que você já teve que enfrentar na instituição? 4) Você se sente valorizado(a) pela instituição? 5) Como você enxerga o trabalho da polícia militar na sociedade? 6) Você acha que a sociedade valoriza e reconhece o trabalho da polícia? Por quê? 7) Qual a situação mais difícil que você já enfrentou no trabalho policial? 8) Em sua opinião, o trabalho policial pode desencadear problemas físicos ou psicológicos? Por quê? 9) Como seria, em sua opinião, um cenário ideal para o trabalho policial? 10) Você poderia descrever o que mudou em sua vida antes de se tornar militar e agora que está exercendo a função?

- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: Prospecta-se a utilização de gravador para a gravação das entrevistas, com o objetivo de manter a integridade da fala para posterior de gravação.

#### Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o projeto de pesquisa, o objetivo é o de conhecer o sofrimento psíquico de policiais militares, no exercício de suas funções.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o item V (Dos Riscos e Benefícios), da Resolução n.º 466, de 2012, todas as pesquisas têm, em graus diferentes, riscos e benefícios em sua realização, que são indicados pelo relator principal nas Informações Básicas do Projeto, como segue:

- RISCOS: De acordo com o projeto, o estudo possui riscos mínimos, pois serão adotadas medidas preventivas durante a coleta dos dados, garantindo-se ao participante a possibilidade de desistir a qualquer tempo.

- BENEFÍCIOS: Consideram-se como benefícios da pesquisa contribuições para o desenvolvimento dos estudos científicos sobre o abalo psíquico eventualmente suportados pelos policiais militares.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante para o conhecimento acerca do nível de sofrimento psíquico suportado por policiais militares que se encontram na ativa dos serviços prestados. Contudo, as perguntas sugeridas não parecem ser suficientes para a descrição do sofrimento psíquico que se deseja esclarecer, mas, sim, permitem uma descrição da percepção desses profissionais sobre suas

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.206, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3986-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 5.020.652

funções e sobre a receptividade do trabalho desempenhado em sociedade.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Feitas as considerações anteriores, passo aos critérios relativos aos termos de apresentação obrigatória.

Em primeiro lugar, a Folha de Rosto foi devidamente preenchida e assinada pela pesquisadora responsável (Aurea Chagas Cerqueira), que possui qualificação exigida para o cadastramento na Plataforma Brasil de projetos de pesquisa (<http://lattes.cnpq.br/3126390608777311>).

O TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, exigido para o desempenho da pesquisa, foi devidamente apresentado.

Foi apresentado o Termo de Aceite Institucional, necessário para o aperfeiçoamento da pesquisa, encaminhado ao 20º Batalhão da Polícia Militar do Distrito Federal e assinado pelo Subcomandante Maurício de Ávila Panisset.

Não foi apresentado o Termo de Assentimento, previsto pelo item II.24, da Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, que é dispensável, contudo, para a presente pesquisa.

**Recomendações:**

Recomenda-se que o pesquisador observe o disposto no art. 28 da Resolução nº 510/16, quando à sua responsabilidade, que é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e graduação de risco;

II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento;

IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; e

V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção.

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.206, 2º andar

**Bairro:** Setor Universitário

**CEP:** 70.790-075

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3986-1511

**E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 5.020.652

**Observação:** Ao final da pesquisa, enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisa encontra-se apta a iniciar a coleta de dados, tendo em vista o envio das documentações necessárias.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 5.004.871/21, tendo sido homologado na 16ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 24 de setembro de 2021.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1827765_E1.pdf	16/09/2021 18:40:14		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Monografia_DaltonAmurim_2.docx	16/09/2021 18:33:21	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	Lattes_PesquisadorPrincipal.pdf	11/06/2021 07:43:29	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Declaração de concordância	DeclaracaoAnuencia.pdf	11/06/2021 07:43:03	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	Termo_aceite_institucional.pdf	11/06/2021 07:42:48	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	11/06/2021 07:37:31	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	Lattes_PesquisadorAssistente.pdf	10/06/2021 18:59:10	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	10/06/2021 18:14:57	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** SEP7 707/907 - Bloco 6, sala 6.206, 2º andar

**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3986-1511

**E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 5.020.652

BRASILIA, 05 de Outubro de 2021

---

Assinado por:  
Marilia de Queiroz Dias Jacome  
(Coordenador(a))

**Endereço:** SEP7 707/907 - Bloco 6, sala 6.206, 2º andar  
**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075  
**UF:** DF **Município:** BRASILIA  
**Telefone:** (61)3986-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

**ANEXO 5**

**Termo de aceite institucional assinado**



Ao, Sr. Maurício de Ávila Panisset,  
Cargo, Major QOPM PMDF.

Eu, **Aurea Chagas Cerqueira** responsável pela pesquisa **“As dificuldades da profissão e o sofrimento psíquico em policiais militares do DF: um estudo de caso sob o olhar psicanalítico”**, junto com o aluno, **Dalton Fortes Amurim**, solicitamos autorização para desenvolvê-la nesta instituição, no período de **agosto de 2021 à setembro de 2021**. O estudo tem como objetivo, **compreender, a partir do enfoque psicanalítico, como o trabalho em uma instituição policial pode produzir sofrimento psíquico em seus policiais**; será realizado por meio dos seguintes procedimentos **aplicação de entrevista semiestruturada** e terá **02 (dois) participantes (um do sexo masculino e uma do sexo feminino, na faixa etária de 30 a 45 anos de idade, tendo entre dois e trinta anos de serviço, e que estejam ainda na ativa)**.

Declaro que a pesquisa ocorrerá em consonância com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, que regulamentam as diretrizes éticas para as pesquisas que envolvem a participação de seres humanos, ressaltando que a coleta de dados e/ou informações somente será iniciada após a aprovação da pesquisa por parte do Comitê de Ética em Pesquisa do UnICEUB (CEP-UnICEUB) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), se também houver necessidade.

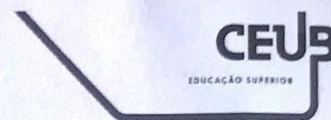
---

Aurea Chagas Cerqueira / [aurea.cerqueira@ceub.edu.br](mailto:aurea.cerqueira@ceub.edu.br)

---

Dalton Fortes Amurim / [dalton.fortes@sempreceub.com](mailto:dalton.fortes@sempreceub.com)





Ao Sr. **Maurício de Ávila Panisset**, Subcomandante do 20º Batalhão de Polícia Militar, da PMDF, vem por meio desta informar que está ciente e de acordo com a realização da pesquisa nesta instituição, em conformidade com o exposto pelos pesquisadores.

Brasília-DF, 02 de JUNHO de 2021.

**MAURÍCIO DE ÁVILA PANISSET - MAJ QOPM**  
**SUBCOMANDANTE 20º BPM PMDF**

MAURÍCIO DE ÁVILA PANISSET  
MAJ QOPM  
Major 20º BPM PMDF